

UM SÓ DEUS – INÚMERAS TEOLOGIAS?

Erhard Gerstenberger
Philipps-Universität Marburg (Alemanha)
gersterh@staff.uni-marburg.de

1. O problema de conhecer Deus e falar de Deus

Quem quer falar de Deus deveria primeiro refletir sobre os instrumentos humanos para conceituar tal “objeto” imenso (não pode ser objeto!), superdefinido e totalmente desconhecido. Estamos em uma posição como um artesão que se prepara para fazer uma escultura ou pintar um quadro. Ele (ou ela) tem que verificar os meios de trabalhar para conseguir um bom resultado.

Do mesmo modo temos que avaliar os nossos meios para falar de Deus. Desde tempos imemorráveis o *homo sapiens* (e, quem sabe, os antecedentes dele) experimentava forças divinas assustadoras e benevolentes, mas quase sempre inescrutáveis. Um testemunho contido no Antigo Testamento reza:

Tu me envolves por trás e pela frente, //
e sobre mim colocas a tua mão.
É um saber maravilhoso, e me ultrapassa,
é alto demais: não posso atingi-lo (Sal 139:5-6)¹

Que sabedoria profunda, que linguagem sensível! A consciência da grandeza incompreensível de Deus acompanha também os pensamentos dos fiéis cristãos (e igualmente os de outras religiões) pelos séculos. Ela se sintetiza, por exemplo, na frase bem conhecida do acervo Calvinista: *finitum non capax infiniti*, “a existência temporária não pode receber a essência

¹ Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

eterna”². Isso significa: Jamais temos condições de compreender o ser divino e eterno. Se bem que isto constitui uma tautologia criada pelo raciocínio humano mesmo: a própria definição dos termos *infinitum* e *finitum* estabelece uma contradição antagonista.

Os tempos modernos, desde a época do iluminismo, contribuíram com novos aspectos aos problemas de falar de Deus. Uma vez, teorias do conhecimento (*Erkenntnistheorien*) avaliaram filosoficamente as concepções do mundo em conjunto, mais recentemente, com investigações linguísticas. Por outro lado, pesquisas profundas medicinais, principalmente dos funcionamentos do cérebro, e as ciências psicológicas e psicoterapeutas contribuíram muito ao nosso entendimento dos processos cognitivos e intelectuais. Como resultado principal para o nosso tema fica a observação, de que é o homem, que por grande parte, cria o seu mundo, digamos virtualmente, enquanto a essência real dos fenômenos permanece no escuro. Não sabemos ao certo o que está por trás das aparências captadas pelos nossos sentidos no mundo exterior. O *Ding an sich*, a “coisa em si”, desaparece atrás das nossas palavras e concepções. Já Immanuel Kant declarou essa realidade principalmente como inacessível, e Platão, em sua famosa “alegoria da caverna”, achava que apenas imagens sombrias, tênues apareciam lá dentro, dando impressões fracas do mundo “real” fora da caverna. As ciências modernas então fortaleceram as ponderações filosóficas³ de que os seres humanos mesmo constroem o seu mundo todo, deixando aberta a questão enigmática do papel dos impulsos “externos” que certamente estimulam os instrumentos humanos no seu trabalho da criação e conceituação do universo e da vida. Até cientistas “puros”, convictos, têm que admitir a incapacidade humana de perceber “brutos fatos” no seu valor completamente “objetivo”, porque o conhecimento qualquer sempre tem que passar pelos sentidos e arranjos humanos antes de chegar a um conceito claro⁴.

Um outro ponto é importante em nosso contexto: filósofos e cientistas quase com unanimidade optam por um conceito de “um só mundo”

² A frase fez papel importante nos debates cristológicos entre Luteranos e Reformados do século XVI.

³ São principalmente pensadores franceses que destacam o sujeitismo do reconhecer e construir este mundo, como Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Michel Foucault, Bruno Latour etc. mas também outros pensadores seguiram este caminho, como por exemplo David Hume, Martin Heidegger, Rudolf Bultmann, Jean Piaget, Ludwig Wittgenstein e outros.

⁴ Werner Heisenberg, já no ano 1927, falou de uma *Unschärferelation* (relação imprecisa) no conhecimento científico.

e contra a divisão entre essências materiais e espirituais. Estamos vivendo em um mundo “pós-metafísico” (Habermas). Isto significa: para a nossa percepção limitada existe apenas um universo coerente. Não tem interferência dialética entre dois mundos opostos. Teologicamente dito: o falar sobre Deus, ou acontece dentro do mundo que estamos experimentando, ou nós deixamos fora qualquer referência a Ele/Ela (cf. as metáforas nos tentativos de descrever o âmbito de Yavé e sua aparência em Ex 24:9-11 e Ez 1:15-28).

Em consequência desses dois pontos – a incapacidade de compreender as últimas realidades e a admissão de um só mundo coerente – podemos dizer: não dá para ignorar os modos de raciocinar e conceituar as realidades hoje em dia. Parece necessário, no discurso teológico, admitir a relatividade de quaisquer afirmações que saiam de nossas bocas. Não temos capacidades para formular uma só palavra eterna ou uma verdade final. Tudo que experimentamos, entendemos, visualizamos fica, necessariamente, por dentro do horizonte “terrestre” (não “celeste”). Qualquer palavra divina sempre passou por mediadores humanos. A “palavra se tornou carne”, em todos os tempos. Ela falou apenas o vernáculo (Pedro Casaldáliga), sempre. Isso deixa aberta a questão profundamente teológica: Quem é Deus? Quais as qualidades de Deus? Onde reside Deus? Como age Deus? Talvez seja a nossa única opção para ousarmos fazer teologia: Aguentar o mistério do Deus escondido, não acessível diretamente. E lidar com muitos conceitos antigos, parcialmente antiquados, sempre divergentes, enquanto buscando novas articulações do Divino, dentro dos nossos horizontes estreitos atuais.

2. Algumas concepções do Divino no Antigo Testamento

Como as testemunhas israelitas e judaicas em geral pensavam sobre Deus, o mundo, os seres humanos e os contatos mútuos? Nós apreendemos no ensino religioso que eles e elas confiavam firmemente nas palavras divinas, chegando da esfera sacra, seja ela nos céus ou em lugares terrestres de habitação do numinoso. Mas os conceitos antigos da comunicação com o Senhor não são nem uniformes nem tão certos na Bíblia Hebraica. Há múltiplas experiências conservadas nos escritos hebraicos, sobre manifestações e comunicações que existiam lado a lado ou consecutivamente, nas cabeças dos nossos antepassados espirituais. Eram conhecidos fenômenos naturais representando a presença divina como tempestade, fogo, trovão, bem como numerosas revelações indiretas (visões; sonhos; audições etc.)

ou práticas mânticas⁵ solicitando uma orientação do guia divino. Uma linha bem forte, no Antigo Testamento, ao lado do tratamento direto de uma pessoa por Deus, fica na mensagem divina indireta através de uma pessoa encarregada de comunicar a vontade celeste a determinados recipientes. Somente este modo de conceber a “palavra de Yavé/Deus” chegando aos seus destinatários permitiu, pouco a pouco, a fixação dela em forma escrita (cf. a fórmula: “Moisés e os profetas”: Dt 34:10-12; Lc 16:29.31). A ideia do mensageiro eleito e santificado por Deus, ganhou importância eminente sobre comunicações imediatas de Deus na época pós-exílica. Os tesouros de *verba divina* depositados neles tinham que ser preservados por escrito, graças às condições culturais da época.

Assim, existiam ao longo do tempo histórico modelos bem diferentes da comunicação entre Deus e seres humanos. Qual o caráter dos textos acumulados nas Escrituras Hebraicas? À primeira vista surpreende bastante a grande variedade de gêneros literários herdados. Existem, em outras culturas, livros sagrados de composições litúrgicas e espirituais. As tradições hebraicas, ao contrário, incluem muitos textos que nós consideramos “profanos”, “cotidianos”. Os temas tocados vão do tratamento de animais domésticos até canções de trabalho e amor, de regulamentos legais até sentenças proverbiais, narrações de diversos tipos até genealogias várias, oriundos de uma vasta amplitude de situações vivenciais.

Se lemos a Bíblia com atenção aumentada, porém, vamos descobrir que cada passagem dela tenta incluir a vida completa dos fiéis na relação íntima entre o leitor/a leitora e a divindade pessoal e da comunidade toda, assim também Pablo Andiñach.⁶ No fundo de todos os relatos, sermões, das prescrições, exortações, consolações etc. se encontra o anseio forte de estabelecer e preservar uma relação firme de confiança entre Deus e os seus fiéis. E justamente essa vontade comum e básica dos nossos antepassados espirituais, preservada em inúmeras experiências e diversíssimas conceituações do numinoso, deveria nos ensinar a reconhecer, de maneira autocrítica, um erro fundamental da teologia ocidental: nós costumamos ingerir os textos bíblicos em primeiro lugar de modo cognitivo, intelectual. Daí se desenvolveu, na história cristã, uma mania de formular verdades eternas sobre Deus, de distanciar o Senhor como um objeto do nosso conhecimento, ao invés de abraçá-lo de corpo e alma. Comecei esta palestra testando o nosso aparelho cognitivo. Isso faz um bom sentido enquanto é uma aveni-

⁵ Apesar da proibição rigorosa do Deuteronomista (Dt 18:9-13) tais práticas certamente aconteceram plenamente pelo menos até o fim do reino judaíta, cf. 1 Sam 28.

⁶ Cf. Andiñach, 2014, 32-47 etc.

da necessária para ver alguns aspectos de fazer teologia. Agora nos aproximamos do centro para se relacionar com a divindade. Chegamos ao nível do relacionamento, da emoção, da autodedicação. Bruno Latour, o agnóstico francês, compara este momento com o salto da mera descrição da namorada ou do namorado à plena aceitação mútua dos namorados.⁷ O amor é algo diferente de um conceito intelectual, uma descrição cognitiva, uma avaliação neutra.

3. Teologias bíblicas diferentes

Dado tal trânsito para o modo existencial de crer no Antigo Testamento e lembrando as imagens teológicas diferentes em nossas cabeças, quero brevemente pintar alguns modelos da fé reconhecíveis nos escritos hebraicos. Procuo ajuda, nesta pesquisa, nas ciências sociais que claramente delineiam os padrões de viver e pensar dentro de determinados grupos humanos. Refiro-me, explicitamente, ao meu livro “Teologias no Antigo Testamento. Pluralidade e sincretismo da fé em Deus”, traduzido para o português por Nelson Kilpp e publicado pela Editora Sinodal em 2007.

3.1. O grupo familiar, desde tempos imemorráveis, constituiu, não só em épocas antigas, o organismo social básico. Naturalmente, ele desenvolveu formas sociais e religiosas de convivência particulares. O Antigo Testamento mesmo revela, principalmente nas narrações dos patriarcas e das suas mulheres, no livro de Gênesis, a existência distinta da crença no “Deus do meu pai”.⁸ Estudos posteriores comprovaram que divindades pessoais, melhor: familiares, foram veneradas em cultos caseiros (cf. o *'elohim*, isto é, a figura dele, no posto de entrada em Ex 21:5-6), provavelmente cuidado pela mulher-chefe da família. Numerosas figuras encontradas em casas de antigos israelitas apoiam essa tese.

O culto caseiro focava em uma divindade pessoal responsável pelo bem-estar do grupo caseiro. Era considerada como um membro chefe ou orientador. Havia uma relação de confiança e comunhão, mas também de efetividade econômica entre a divindade protetora e os homens, que podia ser revogada. Assim promete Jacó aceitar um Deus novo para si mesmo e seus dependentes:

⁷ Cf. Latour, 2002.

⁸ O primeiro a chamar atenção ao fenômeno foi Alt, 1968.

Se Deus estiver comigo e me guardar no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para me vestir, se eu voltar são e salvo para a casa de meu pai, então lahweh será meu Deus e esta pedra que ergui como uma estela será uma casa de Deus, e de tudo o que me deres eu te pagarei fielmente o dízimo (Gn 28,20-22).

A solidariedade familiar com deveres mútuos claramente é o padrão relacional que inspira este contrato. Sem dúvida, é uma relação íntima de convivência na qual os elementos cognitivos fazem papel secundário, embora sendo apresentados nas figurinhas caseiras. A metáfora familiar, patriarcal e relacional usada para imaginar a Divindade fica bem palpável até hoje.

3.2. As comunidades das aldeias, bairros ou pequenas cidades criavam e ainda hoje criam diferentes regras de convívio as quais orientam também os cultos comuns. Sabemos do Antigo Testamento que havia muitas *bamot* (colinas; altitudes) em Israel. Cada assentamento, aparentemente, teve o seu pequeno santuário “natural” (estela masculina e árvore feminina), via de regra sem templo e sem sacerdote permanente. Os interesses comuns dos habitantes eram, em geral, a produção suficiente de alimentos, ter segurança contra inimigos de fora, e bom relacionamento entre as famílias residentes. O assim chamado “livro de aliança” de Êxodo 21-23, aparentemente contém uma boa porção de regulamentos para a vida de tal comunidade. A norma básica, valendo para os assim chamados *rē’im* (vizinhos; companheiros) – em contradistinação aos *’ahîm* (irmãos; consanguíneos) – fica óbvia. Ela é um laço forte entre os membros da associação habitacional, mas não chega à intensidade das relações familiares que no caso extremo exigem o auto-sacrifício do membro individual. A regra fundamental da comunidade conhecemos bem:

Não te vingarás e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou lahweh (Lv 19,18).

Outra vez: no nível social da aldeia ou cidadezinha se desenvolvia uma espiritualidade e teologia bem particular, cultivando divindades que governavam poderes naturais. No Antigo Testamento, frequentemente, aparecem Baal e Ašera como numes venerados nesses santuários abertos. Tais divindades locais foram imaginadas como chefes das forças naturais das quais a comunidade dependia.

3.3. Um terceiro organismo social que produziu uma religião distinta era a associação das tribos em Israel. É difícil reconstruir a história desse agrupamento, mas estudos antropológicos ajudam a entender os padrões princi-

pais de tais alianças. Trata-se normalmente de uma união sobretudo militar e defensiva. Em emergências políticas, líderes designados chamavam os guerreiros das tribos para combater os inimigos (cf. os “grandes” juízes do livro bíblico assim intitulado). Naturalmente, uma ação desse tipo precisava do apoio de uma divindade. Neste ponto, conforme algumas narrações do AT, entra Yavé: como um Deus que reside na arca, carregada para a batalha, e que decisivamente vence os poderes hostis.

[Quando a arca partia, dizia Moisés]:
Levanta-te, lahweh, e sejam dispersos os teus inimigos,
e fujam diante de ti os que te aborrecem.
E no lugar do repouso dizia:
Volta, lahweh,
para as multidões de milhares de Israel (Nm 10:35-36).

[Na batalha liderada por Débora, juíza grande, se descreve a luta do exército de Yavé:]
Do alto dos céus as estrelas lutaram,
De seus caminhos, lutaram contra Sísara (Jz 5:20).

Os trâmites religiosos de alianças tribais giram em torno de empenhos bélicos, de uma camaradagem de luta. O Deus invocado tem traços de um guerreiro celeste. Ele age com furor e sem misericórdia. Os adoradores pintam quadros de extremo poder, não para satisfazer os seus desejos intelectuais ou teológicos, mas para intimidar os inimigos e promover as suas próprias forças. Outra vez, estamos lidando com conceitos profundamente emotivos visando a participação íntima dos poderes divinos nas lutas humanas. Não é por acidente que encontramos Yavé primeiramente neste contexto tribal. Provavelmente, ele era um Deus primordial das montanhas do sul de Israel venerado, por exemplo, pelos midianitas (cf. Ex 3; 18). A imagem dele implica contornos astronômicos e meteorológicos. E a relação com ele é de uma confiança e lealdade alta que pode ser decepcionada (cf. Sal 44).

3.4. Conforme algumas narrações da Escritura Hebraica, os israelitas antigos estavam insatisfeitos com a ordem tribal (havia democracia demais?) por que “cada um fazia o que lhe parecia correto” (Jz 21:25). O povo, então, pediu a Yavé para providenciar um rei, como todas as outras nações já possuíam (cf. 1 Sam 8:5). Isso, de certo, é uma retrospectiva de longe, depois que Judá havia experimentado a queda da dinastia de Davi. Mas também teve certa resistência contra o sistema monárquico, levantada em parte por advogados do sistema tribal. Pelo menos isso é o que sugere a fábula belíssima de Joatão (Jz 9:7-15: “As árvores se puseram a caminho para ungir um rei...”). A metáfora de uma árvore-chefe cortando as suas raízes e pairando

acima das suas colegas inclui a noção de um poder absoluto, divino, oprimindo os seus sujeitos.

As ideologias dinásticas já no Antigo Oriente, assim como em todas as épocas seguintes, incluíram uma forte dose de religiosidade. O rei era considerado o porta-voz e muitas vezes o filho de uma divindade suprema. Uma “lista dos reis desde o tempo antediluviano” suméria do segundo milênio a. C. consta: “O reinado desceu do céu”, uma dádiva essencial das divindades altíssimas.⁹ O Antigo Testamento está envolvido nos conceitos e nas práticas das dinastias orientais, em parte por plena concordância, mas também contra diversas dúvidas políticas e espirituais. O rei, especialmente do estado de Judá, cultivava um culto estadual, sob liderança de Yavé, enquanto o povo adería aos santuários locais e venerava os seus protetores numinosos familiares. Não existia ainda, durante os reinados de Israel, uma comunidade Yahwista fora da corte de Davi. As pesquisas onomásticas¹⁰ não podem provar uma situação contrária. O rei era, de fato, o escolhido de Yavé na época e depois do colapso do reinado de Jerusalém o seu renome assumiu dimensões messiânicas:

[Palavra de Yavé por Natã a Davi:] Fui eu que te tirei das pastagens, onde pastoreavas ovelhas, para seres chefe do meu povo Israel. Eu estive contigo por onde ias e destruí todos os teus inimigos diante de ti. Eu te darei um grande nome como o nome dos grandes da terra (2 Sam 7:8-9). ... farei permanecer a tua linhagem após ti, gerada das tuas entranhas (e firmarei a sua realeza. Será ela que construirá uma casa para o meu Nome), e estabelecerei para sempre o seu trono. Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho (2 Sam 7:12-14).

[Aclamação ao rei messiânico] Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente! O cetro do teu reino é cetro de retidão (Sal 45:7).

A teologia dinástica naturalmente destacava a divindade soberana, mas aparentemente não suprimia as crenças populares. A crítica de profetas¹¹ à arrogância dos monarcas preservada em seus escritos por grande parte provinha de experiências mais tardias (exílicas/pós-exílicas) ou – se era contemporânea – de tradições de uma justiça incorruptível (cf. Amós). De novo, neste quarto exemplo de uma religiosidade distinta no antigo Israel, vemos claramente o contexto do discurso teológico. Os conceitos reais de Yavé provêm da cultura e das tradições do Antigo Oriente Médio. Eles pos-

⁹ Cf. Edzard, 1983, 77-86.

¹⁰ Cf. Wikipedia, 2021.

¹¹ Os livros proféticos, ao meu ver, foram compostos depois do exílio com textos muito diferentes, a maioria deles sendo produtos da época tardia.

suem menos plausibilidade em épocas democráticas de hoje, porque produzem uma fé subordinativa. O simbolismo real-teológico foi parcialmente domesticado no Judaísmo e Cristianismo inicial, mas esses conceitos infelizmente se juntaram cedo com os poderes políticos. Promoveram eles especialmente com imaginadas qualidades eternas das doutrinas cristãs.

3.5. O período decisivo da formação da fé judaica foi, ao meu ver, a era pós-dinástica, a saber, o tempo exílico-pós-exílico.¹² Aí todos os fatores sociopsicológicos, sociais, históricos, culturais, que causam reflexões e transformações da conceituação teológica se acumularam para constituir uma força criativa e renovadora. O sistema político do reinado de Judá tinha desaparecido. A perda da pátria e a deportação das elites causaram um trauma indelével nos judaítas afetados. Essa emoção tem as suas raízes no desespero de que Deus aparentemente tinha traído a sua nação.

Mas tais experiências traumáticas deram luz a poderes inovadores para construir uma nova comunidade, sem vínculos à dinastia passada (embora restassem também lembranças fortes ao rei eleito Davi). A maioria dos judaítas aceitou apenas a fé em Yahweh e sua palavra como guia da nova comunidade, nascendo de lembranças remotas pré-monárquicas. Assim, a coleção de textos autoritários, reunidos no Pentateuco, ignoram quase totalmente o tempo real de Israel e Judá. Colecionam, isto sim, relatos e ordens do tempo de Moisés e dos patriarcas. E aumentam o volume dessas tradições antigas consideravelmente, com textos para regulamentar a vida nova do Judaísmo nascente sob domínio persa. De modo geral, podemos assumir que a maior parte dos escritos bíblicos provém da era tardia do Antigo Testamento, quer dizer, eles são destinados para a comunidade judaica nascente, mas projetados para a antiguidade remota.

As teologias judaicas da época persa têm dois pontos principais de orientação: uma vez a própria comunidade de estrutura paroquial e internacional, por outro lado o seu âmbito político e cosmológico dentro de um império com dimensões imensas. Quanto ao primeiro ponto, observamos que a estrutura de crer mudou de uma religiosidade “natural”, de pertencer por nascimento a um grupo familiar (cf. a fórmula “Deus do meu pai”), do clã, possivelmente de uma estrutura tribal, a uma crença “confessional” de livre escolha e decisão. A circuncisão já é uma formalização do ato confessional dos pais. Essa abertura da comunidade para todo mundo (com várias exceções) constitui uma novidade inédita na história religiosa. O fato, que

¹² Cf. Gerstenberger, 2014.

a crença pregada pelo profeta Zoroastro¹³ evidencia estruturas bem semelhantes, não pode ser um acidente. Ademais, os escritos colecionados e compostos na época exílica-pós-exílica se dedicam claramente às necessidades religiosas e seculares de uma comunhão espiritual dedicada exclusivamente à divindade Yavé, percebida e venerada como pai do povo de Israel, soberano chefe da aliança, criador e doador da Torah, governador do universo e de todas as nações. – Essa última afirmação já pertence ao segundo ponto de atenção. Aí se trata da posição da comunidade judaica dentro do império enorme dos persas. Curiosamente, falta qualquer argumentação teológica direta com os sábios persas ou o Zoroastrismo. Mas implicitamente há uma controvérsia ardente com os poderes políticos e religiosos da época sob título das divindades “alheias” (da época pré-persa) em torno da superioridade mundial de Yavé. O que é que fomentou a pretensão ambiciosa no antigo Israel de ser o povo predileto do Deus Altíssimo? Era o antagonismo contra Ahura Mazda, não aparente em escritos judeus, ou talvez uma certa sintonia com os poderes persas (cf. os livros Esdras-Neemias)? Em todos os casos, a pretensão de ocupar o primeiro lugar no mundo religioso é parte da autoestima e da vontade de assumir o poder humano; ela tem muitos fenômenos iguais em todas as culturas.

Cabe anotar, que uma das teologias da época persa era a veneração da Palavra Divina (cf. Ne 8), coinspirado talvez por Zoroastro. As grandes vantagens da palavra é que ela pode ser conservada em forma duradoura e manejada por elites literatas. Mais: a Torah se tornou um sinal da presença de Yavé, um objeto divino visível, tocável, amável. O problema sério fica a exclusão da comunicação direta, atual, profética com Deus (cf. Za 13:2-5) tão proeminente no Antigo Testamento. Outra dificuldade: a palavra escrita não consta, de jeito nenhum, de uma forma eterna, imutável de comunicação (isso vale também para inscrições em tábuas ou pedras), mas sim fica completamente transitória, terrestre, profana. Nesse ponto concordo plenamente com o colega Pablo Andiñach: Para nós não existe língua “celeste”, divina¹⁴. Ou como enfatiza Dom Pedro Casaldáliga: “A Palavra Eterna somente fala o vernáculo”. Também o famoso hino sobre a “Palavra” (*lógos*) em João 1:1-18 contém a frase significativa: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (v. 14). Da nossa perspectiva de hoje, isso significa: As afirmações em torno da “Palavra de Deus” são respostas humanas em reação às experiências feitas com a presença divina em nosso mundo transitório e por isso tentativas bem limitadas de entendermos o “Conjunto do Todo”, a saber Deus.

¹³ Cf. as Gathas de Zoroastro, constituindo as mais velhas partes do Avesta.

¹⁴ Cf. Andiñach, 2014, 39-52.

4. Consequências pastorais e inter-religiosas

Espero que possamos concordar, em nossa análise, que a fé de Israel pouco se realiza no nível cognitivo e intelectual. Os textos bíblicos (e aqueles de outras religiões) não visam meras descrições das Divindades e de suas qualidades. A proibição de imagens esculpidas no Antigo Testamento já tenta evitar a falácia de objetivar Yavé. Os transmissores dos textos narram ou glorificam Deus de modo bem emotivo para comunicar o sentimento de sua presença, seu poder existencial, sua assistência para os fiéis. Mais ainda, em suma, como já destacamos antes, eles propagam a aproximação pessoal e comunitária ao Santíssimo Alto (cf. Lv 19:2: “Sede santos, porque eu, Iahweh vosso Deus, sou Santo”). O ato de crer não é um ato intelectual, mas sim um movimento da pessoa para unir-se com o “fundamento do ser” (Paul Tillich) e assim ganhar uma base para existir. Alcançar aquela confiança que sustenta a vida responsável dos seres humanos – isto podemos talvez definir como alvo principal de cada crença religiosa no mundo. A reflexão racional teológica não se torna inútil para tal compromisso, mas ela é diferente do ato de crer. Para apoiar outra vez a tese do Bruno Latour, citada acima, aponto a uma analogia tirada de uma série de televisão “Primeiro Encontro”. Pessoa feminina e masculina, sentadas frente a frente, em um restaurante, avaliam-se mutuamente. O ponto decisivo, no entanto, permanece, se emerge ou não aquela “centelha de amor” que pode estabelecer uma parceria entre os dois.

4.1. Como alcançar a confiança vivencial? Temos garantias da benevolência de Deus? Temos que crer dentro de um cosmo coerente, do qual fazemos parte. Quem é Deus, neste mundo? Onde Ele/Ela mora? Nem possuímos categorias gramaticais para articular a essência divina! De certo, Ele/Ela não entra em nossa esfera através de uma porta secreta. Mas reside em todas as partes do mundo, “em frente, atrás, em cima, embaixo” (cf. Sal 139, citado no início) e nós sentimos a sua presença diariamente, porque estamos totalmente dependentes Dele/Dela (F. Schleiermacher). O nosso mundo está cheíssimo de sinais das atuações do Divino, percebidas somente como interpretações de experiências de testemunhas passados ou de nós mesmos. Até o ateu tem que admitir as forças superiores que movimentam e impedem a sua vida. Não precisa nomeá-las de “Deus”. O termo, em todos os casos, fica uma “caixa superlotada” e por isso indefinível.

4.2. Por dentro do universo fechado (mas extensível!) não podemos localizar uma imagem direta de Deus. Como já diz Dt 4:15-19: Nem figura humana nem de animais serve para representá-lo. Por outro lado, elementos

terrestres às vezes recebem o atributo “divino”, até hoje (cf. o jogador extraordinário Diego Maradona) mas não enchem a realidade desejada. Mais ainda, as ciências e a filosofia hoje nos ensinam que este mundo reconhecível nos dá uma quantidade de dados que ninguém mais pode dominar¹⁵. Fica fútil a busca do ídolo certo. Além disso, realizamos um só cosmo dentro do qual o planeta Terra constitui uma infinitésima partícula. Provavelmente existem milhares de corpos celestiais bem semelhantes ao nosso planeta no universo. Percebemos um microcosmo tão complexo e extenso que os melhores computadores chegam ao limite das suas capacidades. Cada nova descoberta cria novos dados sempre multiplicando as perguntas abertas. Perdeu-se o sonho da humanidade de finalmente conhecer tudo. Podemos, isto sim, experimentar a presença de Deus (ou: das forças do ser) no meio de tudo que existe. Sentimo-nos aceitos ou recusados pela “natureza”, às vezes chamada de “mãe”. Muitas pessoas e algumas religiões escolhem a imersão espiritual em e além da imensa diversidade de fenômenos mundiais, para encontrar paz e tranquilidade. É possível tal fé. Mas cada cultura e cada pessoa tem a sua tradição particular, construída e narrada com metáforas disponíveis na época.

4.3. Somos presos em um mundo unitário. Não podemos localizar entidades divinas fora dele, nem criador, nem sustentador, nem governador. O que temos à disposição, no entanto, mais ainda: o que vive em nós mesmos e sustenta a nossa vida é a tradição herdada individual- e coletivamente. Claro que no Cristianismo do ocidente o número de adeptos tradicionais está diminuindo rapidamente. Mas ainda dá para refletir sobre a importância da herança acumulada por comunidades judaicas e cristãs durante milênios, naturalmente em variações inumeráveis. Vamos primeiro dar uma olhada na influência do Antigo Testamento. Era ele a exclusiva Escritura Santa entre os judeus e cristãos até o segundo século d. C., cada vez interpretada conforme regras internas das respectivas comunidades confessionais. As conceituações do Divino são, como vimos, numerosas em níveis diferentes da sociedade em sucessivos períodos da sua história. Desde o “pai” do povo, via metáforas de Deus agindo como mãe, esposo de Israel, juiz dos seus clientes e das nações todas, rei dos reis, pastor, salvador, guerreiro, pedra, fortaleza e outras tantas que usam sempre imagens da época, que nós parcialmente ainda podemos usufruir. Cada uma, porém, tem as suas deficiências, como cada metáfora, sempre. Esse fato em si exige que tempos novos precisam de outras imagens de Deus, que sejam plausíveis para novas ge-

¹⁵ Cf. Habermas, 2019.

rações. As narrações antigas, bíblicas sobre as atuações de Deus muitas vezes não mais produzem aquela empatia em pessoas contemporâneas (mas vejam bem, como os salmos ainda comunicam experiências vivas!) que estão em busca da sintonia com o “fundamento do ser” (Paul Tillich). Mas porque não ousamos criar metáforas novas, conceitos recentes da nossa própria época? Quando sofri um ataque cardíaco em 2003, disse para os meus médicos e enfermeiros/as que me visitaram na UTI: “Vocês me salvaram. São anjos de Deus para mim!” A turma entendeu, sim, mas rejeitou as funções divinas. Que pena! Linguagem de hoje é um desejo para a teologia contemporânea. São muitíssimas as opções disponíveis em várias áreas da vida. O termo “Deus” quase não podemos usar, porque não mais tem sentido preciso. O uso de imagens teológicas modernas e – como sempre – humanas e imperfeitas seria uma libertação grande.

4.5. Restam perguntas sérias, por exemplo: por quanto e quando devemos desenvolver para frente as conceituações teológicas que precisamos para indicar a nossa fé, os nossos compromissos e esperanças para a vida futura. Se é verdade que o Deus de quem estamos sonhando continua agir neste cosmo, seria ilegítimo negar as respostas humanas atuais à sua presença ou seja os vestígios do “Eterno” no meio desse mundo transiente. Dá para apontar fenômenos da natureza, certos eventos históricos, políticos, sociais, progressos das ciências como refletindo a influência divina? Dom Helder Câmara estava convicto de que “tudo, até tudo” aponta para o Altíssimo, até a grama que nasce nas frestas entre lajes de concreto. E certamente há inúmeras pessoas em todas as nações e crenças que – servindo o bem-estar da humanidade e do planeta – se aproximaram a um ideal e à bondade divina. – Como, porém, podemos distinguir entre metáforas divinas certas e falsas, valores éticos corretos e condenáveis? Já no Antigo Testamento há textos “de terror” (Phyllis Trible) e canções de amor, mensagens de ódio e retribuição ao lado de afirmações de misericórdia e reconciliação. E a experiência histórica revela eventos naturais e político-sociais de uma brutalidade não imaginável.

5. Conclusión

Por fim: com o modelo proposto de uma teologia de “ignorância” e uma fé emotiva e relacional, a posição do crente vai mudar de uma atitude de saber de tudo até uma postura de humildade básica e uma confiança ilimitada no Deus *absconditus*, conhecido pelos testemunhos antigos e mo-

dermos. Nós vivemos em um mundo incerto, que por sua vez completamente reside “nas mãos” do Todo Poderoso. Confiar nele, isto é, no Ser infinito, isto nos ensinam as testemunhas passadas e presentes. Partilhamos essa confiança com toda a humanidade, com todas religiões honestas. Por isso, é necessário falar e confraternizar com outros crentes. Nenhuma religião possui verdades absolutas. Todas elas sentem impulsos do Absoluto. Todas tentam visualizar e conceitualizar as suas últimas *concerns* (preocupações, Paul Tillich). Todas fazem isso nos seus próprios contextos e experiências, e conforme velhas tradições particulares. Admiro, aceito e tento viver os testemunhos antigos e modernos de confiança em Deus que está presente, sempre e em todos os lugares conhecíveis. Um só exemplo: Dietrich Bonhoeffer, sob ameaças de morte no regime nazista, falou dos “poderes bons que nos protegem maravilhosamente”: “Von guten Mächten wunderbar geborgen / erwarten wir getrost, was kommen mag. / Gott ist mit uns am Abend und am Morgen / und ganz gewiss an jedem neuen Tag”¹⁶.

Bibliografia

- Alt, Albrecht, „Der Gott der Väter“ (1929), en ID., *Kleine Schriften zur Geschichte Israels*, vol. I, München 1968, 1-78.
- Alt, Albrecht, “O Deus paterno” (1929), en Erhard Gerstenberger, *Deus no Antigo Testamento*, São Paulo 1981, 31-71.
- Andiñach, Pablo R., *El Dios que está. Teología del Antiguo Testamento*, Estella 2014.
- Bíblia de Jerusalém*, São Paulo 2012.
- Edzard, Dietz Otto, *Königslisten und Chroniken*, A. Sumerisch, RIA vol. 6, 1983, 77-86.
- Gerstenberger, Erhard S., *Teologias no Antigo Testamento, Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*, São Leopoldo 2007.
- Gerstenberger, Erhard S., *Israel no tempo dos Persas. Séculos V e IV antes de Cristo*, São Paulo 2014.
- Habermas, Jürgen, *Auch eine Geschichte der Philosophie*, 2 vols., Berlin 2019.
- La Biblia Latinoamericana*, Madrid 1972.

¹⁶ Dietrich Bonhoeffer, „Von guten Mächten“, en su carta a Maria von Wedemeyer escrita desde la prisión en el sótano de la Oficina Principal de Seguridad del Reich (Gestapo) en Berlín, Prinz-Albrecht-Straße, el 19 de diciembre de 1944. Publicado por primera vez en Eberhard Bethge (Hrsg.), *Dietrich Bonhoeffer. Widerstand und Ergebung. Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft*, München 1952, 239.

Latour, Bruno, *Jubiler ou Les tourments de la parole religieuse*, Paris 2002.
Wikipedia, “Theophoric Name” (https://en.wikipedia.org/wiki/Theophoric_name), visto em 1.10.2021.

Schmid, Konrad, *Die Entstehung der Bibel. Von den ersten Texten zu den heiligen Schriften*, 3.^a ed., Darmstadt 2020.

[recibido: 13/10/21 – aceptado: 02/03/22]